

A República dos onagros

GERALDO FORBES

O presidente da República se confessa perplexo. O ministro da Fazenda está triste. Nenhum dos dois se conforma com a injustiça da inflação. Sentem-se traídos. Afinal, como disse muito abatido o sr. Mailson, fizeram tudo certinho apenas para serem derrubados por um índice idiota que, desalmado, registrou uma alta inesperada dos preços.

Sim, totalmente inesperada. Ninguém podia prever esse acidente. A prova disso é que nem o sofisticado Serviço Nacional de Informações (SNI) nem os nossos sofisticadíssimos economistas, oráculos infalíveis de porvir, sequer sonhavam com tamanho absurdo. Um plano tão perfeito ser miseravelmente atrapalhado pela alta das mensalidades dos clubes, é muito duro. Ainda se fosse o chuchu...

É, caros leitores, o índice do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), como tantas outras coisas brasileiras, não guarda muita semelhança com a realidade. Agora, duro mesmo é ter de ouvir as explicações acima, essas sim totalmente idiotas, ditas, com a cara mais séria do mundo, pelas pessoas que supostamente deveriam governar o País. Espantoso é verificar que o bando de mentecaptos palradores, habitués dos noticiários, até acreditava na magia do Plano Verão.

O governo do sr. Sarney, todo mundo já sabe, só pode ser classificado como patético. E isto por muita caridade. Até aí nada de novo, embora ele consiga a cada dia superar suas marcas anteriores de mentiras e incompetência. A relativa novidade, muito preocupante, é a propagação de sua inconsciência e irresponsabilidade ao resto do organismo nacional. O exemplo mais óbvio, mas não único, é a atuação recente do Congresso.

Se durante a feitura da Constituição (e ela está em vigor?) deputados e senadores já mostravam o seu despreparo, nos últimos tempos a coisa degingolou ainda mais, envolvendo da simples estupidez para os limites da criminalidade.

Em um ambiente de absoluta farsa, o sr. Sarney continua expelindo, a seu bel-prazer, uma saraijada de "medidas provisórias". Nenhum dos ditadores militares ousou tanto e nunca, nem nos dias mais infames, o Congresso foi tão canalha.

Enquanto os representantes do povo ocupam o tempo com intrigas eleitorais e negócios clientelistas, a Nação envergonhada e arruinada assiste à maior e mais rápida concentração de renda já perpetrada em sua história. É claro que o reverso do enriquecimento dos poucos detentores de capitais é o empobrecimento inevitável dos muitos despossuídos.

É nisto e apenas nisto que resulta a besteira chamada Plano Verão. Nestes dois meses de delírio, o

governo transferiu para os aplicadores cerca de US\$ 15 bilhões de seu minguido tesouro. Muito mais do que paga por ano sobre toda a dívida externa e ninguém protesta e ninguém reclama.

A hipotética racionalidade, com perdão do mau uso da palavra, desta política insana, seria frear o consumo e segurar os preços pela liquidação de estoques. Acontece que os extraordinários rendimentos proporcionados aos investidores fazem com que eles comprem ainda mais e, se pessoas jurídicas, só multipliquem seus lucros.

Na outra ponta da gangorra, o Estado, devorado pelo seu déficit crônico, e, por dolo do Executivo e do Legislativo, incapaz de diminuí-lo, vai chegando a uma retumbante falência, depois que o ajudante Mailson resolveu repassar, sob a forma dos mais altos juros da história mundial, toda a sua receita de impostos para os aplicadores do mercado de capitais.

Como até mesmo o presidente Sarney pode facilmente ver, não há mistério algum para causar tanta perplexidade. O Plano Verão nunca chegou a existir e nem chegou a ser plano. Foi apenas um truque que vai virando mágica besta.

O déficit não foi cortado e os impostos não foram aumentados. Ao contrário, aumentou-se o primeiro e gastaram-se os últimos. Só encurtaram os salários. Portanto, é lógico que a inflação vai continuar a crescer tanto quanto a miséria. Não há porque estranhar. Não pode ser diferente.

E até quando o País, exausto, agüentará os abusos? Até quando e até quanto os lucros escandalosos? Até quando e até onde a pobreza abjeta? A nossa paciência parece não ter limites e os cínicos dizem que essa história de abismo é um antiquado fantasma.

Perigoso engano. Na verdade já estamos caindo no abismo e o nosso atraso tecnológico é sua prova. A leviandade das classes dirigentes tem um preço terrível — a hipoteca do futuro. E um dia a paciência do povo anestesiado encontrará seu limite na dor insuportável. O acordar será um susto.

A fibra moral adormecida nesse pesadelo de desgoverno e corrupção ainda existe. Todo carnaval acaba nas cinzas de penitência.

Tolos os que não vêem os sinais do fim da farra. Burros os que querem continuá-la com Jânio ou Brizola. Selvagens os que, refestelados, zurram ameaças às instituições.

Não há duas saídas. O título do estudo do prof. Jaguaribe é a síntese acabada da situação. Reforma ou Caos.

A variável da inequação é o tempo.

Tempus fugit, diziam os antigos. O tempo voa. E urge. E urge.

Geraldo Forbes é advogado e consultor de empresas.